A IDENTIDADE DOS LÍDERES POLÍTICOS DE MATO GROSSO DO SUL NO DISCURSO DO PODER*

Glaucia Muniz Proença Lara

Professora doutora do Departamento de Letras do Centro de Ciências Humanas e Sociais/UFMS.

Nosso objetivo, no presente trabalho, é examinar discursos de posse de governantes de Mato Grosso do Sul, a fim de chegar à imagem que cada sujeito-enunciador constrói de si mesmo no nível do enunciado e no da enunciação. Para tanto, articulamos as noções de formação imaginária, ethos e retrato discursivo no quadro teórico-metodológico da análise do discurso de linha francesa (AD), abordagem essa que, privilegiando a relação entre a linguagem e a ideologia, busca resgatar as condições sócio-históricas de produção do discurso.

Palavras-chave: Discurso Político, Identidade, Sujeito.

Our purpose, in this paper, is to examine speeches made by governors of Mato Grosso do Sul during their act of taking office, so as to be able to detect the image that each one constructs of himself in the level of enunciation. In order to do that, we link the concepts of "image", "ethos" and "discoursive picture" in the light of the French School of Discourse Analysis (AD), a theory that, taking into account the relation between language and ideology, tries to understand the social and historical conditions that allow discourse production.

Keywords: Political Speech, Identity, Subject.

* Este trabalho foi apresentado na mesa-redonda "Vozes e olhares na História: a identidade do sujeito nos Estudos Lingüísticos", durante o *II Seminário de Estudos da Linguagem - Identidades*, promovido pelo Mestrado em Letras da UFMS, no Campus de Três Lagoas, de 18 a 20 de junho de 2003.

O presente artigo é parte de um projeto maior *A imagem de Mato Grosso do Sul nos discursos de posse de seus governantes*, em que procuramos apreender, à luz da semiótica greimasiana e da análise do discurso de linha francesa (AD), teorias utilizadas de forma complementar[1], o "jogo de imagens" que se instaura nos discursos de posse de quatro governadores do Estado: José Orcírio Miranda dos Santos, Wilson Barbosa Martins, Pedro Pedrossian e Marcelo Miranda Soares. Considerando que todos eles exerceram a função política mais relevante do Estado por dois mandatos (vide quadro 1 abaixo), tomamos como objeto de análise os discursos de

Quadro 1

Governador	Período de exercício do mandato
Harry Amorim Costa	01/01/79 – 12/06/79
Marcelo Miranda Soares	28/06/79 – 28/10/80
Pedro Pedrossian	06/11/80 – 15/03/83
Wilson Barbosa Martins	15/03/83 – 15/05/86
Ramez Tebet	15/05/86 – 15/03/87
Marcelo Miranda Soares	15/03/87 – 15/03/91
Pedro Pedrossian	15/03/91 – 01/01/95
Wilson Barbosa Martins	01/01/95 – 01/01/99
José Orcírio Miranda dos Santos	01/01/99 – 01/01/03
José Orcírio Miranda dos Santos	A partir de 01/01/03

[1] A semiótica greimasiana toma o texto/discurso como objeto de significação e privilegia o estudo das relações intradiscursivas, isto é, dos mecanismos e procedimentos que o estruturam. A AD, por sua vez, priorizando a relação texto/contexto, volta-se para os mecanismos interdiscursivos (texto tomado como objeto histórico). Trata-se, portanto, de aspectos complementares e não excludentes no processo de constituição do sentido.

posse referentes ao 1º mandato de José Orcírio - o Zeca do PT - e do 2º mandato dos demais[2].

A escolha de discursos proferidos no momento da posse é relevante, uma vez que se trata do momento privilegiado de assunção do poder. Assim, através da avaliação do estágio atual em que se encontra o Estado e da proposição de mudanças que resultarão numa nova imagem, diferenciada da anterior, cada governante marcará seu espaço e construirá sua própria identidade.

É essa "construção de identidades" no/pelo discurso do poder que nos interessa no presente artigo. Buscaremos, portanto, enfocar a imagem que cada governador constrói de si mesmo em seu discurso de posse, ou seja, IA(A) = imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, o que corresponde à pergunta: "Quem sou eu para lhe falar assim?" (Pêcheux, 1990:83). Inserimo-nos, portanto, no quadro teórico-metodológico da AD. Antes, porém, cabe uma palavra sobre o discurso político, nosso objeto de estudo.

Analisando esse tipo de discurso e comparando-o ao discurso do senso comum e ao da ciência, Pinto (1989:56) afirma que o discurso político necessita, como nenhum outro, interpelar, construindo a identidade do sujeito enunciador no próprio discurso. Na sua opinião, enquanto no discurso científico a ênfase no objeto do discurso (o enunciado) apaga as marcas do sujeito (o enunciador), criando um efeito de sentido de "saber objetivo", o discurso político é o discurso, por excelência, do sujeito explícito. O enunciador é, pois, um sujeito presente que se instaura completamente no discurso. Quer se encontre no interior de um partido ou no interior de um governo, quem fala tem centralidade, constituindo os partidos e os postos governamentais os locais privilegiados de enunciação do discurso político.

Destacando, pois, a centralidade da construção do sujeito no discurso político e sua estreita e intrínseca relação com toda a estrutura

---

[2] Essa "seleção" de discursos foi motivada mais pela dificuldade na coleta de dados do que pela decisão da pesquisadora. É preciso esclarecer também que os discursos de Harry Amorim Costa e de Ramez Tebet foram excluídos, já que ambos exerceram apenas um mandato e por um período inferior a um ano.

do discurso, passemos à descrição das categorias e princípios teóricos que norteiam este trabalho.

FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS, *ETHOS* E RETRATO DISCURSIVO: IMBRICAÇÕES

Considerando que "o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias[3] que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (Pêcheux, 1993:82; grifos do autor), que esses "lugares" são posições (representações) de situações (objetivamente definíveis), a partir de regras de projeção, e tendo em vista o objetivo deste trabalho (vide Introdução), enfocaremos a imagem que o "EU" (o enunciador-governante) constrói de si mesmo em seu discurso de posse, já que é dessa construção (do sujeito enunciador) que depende, em grande parte, o êxito do discurso. Interessa-nos, no entanto, articular a noção de "imagem" com um outro conceito: o de *ethos* que, oriundo da retórica aristotélica, tem sido incorporado a pesquisas no âmbito da AD (vide, por exemplo, Maingueneau, 1993; 2001).

Segundo Maingueneau (2001), esse tipo de fenômeno, que constitui um desdobramento da retórica tradicional, permite que, por meio da enunciação, se revele a personalidade do enunciador. Citando Barthes, o autor afirma que a característica essencial do "*ethos* são os traços característicos que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os *ares* que assume ao se apresentar" (Maingueneau, 2001:98; grifos do autor). Mesmo o texto escrito (e não apenas à eloqüência judiciária ou os

[3] Apesar das críticas que Courtine (1981:21-22) faz à definição de condições de produção esboçada por Pêcheux, afirmando que, nelas, o plano psicossociológico acaba por dominar o plano histórico, reteremos, neste trabalho, a noção de formações imaginárias, uma vez que tal noção se mostra bastante produtiva na análise de discursos.

enunciado orais da retórica antiga)[4] possui um "tom" que confere autoridade ao que é dito e permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do corpo do autor efetivo). Enfim, diz o autor:

> "O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas 'idéias' que transmite; na realidade, essas idéias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*. (...) O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse 'fiador' que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade, compatível com o mundo que deverá construir em seu enunciado" (Maingueneau, 2001:99; grifos do autor).

Pontuando que o discurso é inseparável daquilo que se poderia designar, de forma muito grosseira, como uma "voz", Maingueneau (1993:45-46) destaca que essa era uma dimensão bastante conhecida da retórica antiga, que entendia por *ethé* "as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas *o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem*" (grifos do autor). Nesse sentido, Aristóteles distinguia: *phrônesis* (ter o aspecto de pessoa ponderada), *areté* (assumir a atitude de um homem de fala franca, que diz a verdade crua) e *eunóia* (oferecer uma imagem agradável de si mesmo).

Podemos articular a noção de *ethos/ethé,* tal como foi definida acima, com uma outra noção que se insere no quadro teórico-metodológico da AD: a de "retrato discursivo". Essa noção, desenvolvida por Moirand (1988:56), refere-se à "representação que as enunciações dão obliquamente dos sujeitos que as produzem". Em outras palavras: esses "retratos" são "mostrados" pela enunciação.

---

[4] Nossa análise se aterá aos discursos escritos, uma vez que não tivemos acesso a vídeos ou gravações dos pronunciamentos dos governadores.

Concordando com Maingueneau (2001), para quem o sentido do discurso é propiciado tanto pelo *ethos*, como pelas idéias que transmite, acreditamos ser possível - e mesmo necessário - ampliar a noção proposta por Moirand (1988), destacando que o "retrato discursivo" vai sendo duplamente construído pelo enunciado (a partir do que o sujeito diz de si mesmo) e pela enunciação (pela maneira de dizer, que remete a uma maneira de ser). É, aliás, dessa forma que pretendemos enfocar a construção da identidade dos sujeitos enunciadores nos discursos do *corpus,* considerando que essa "dupla imagem" funciona como "instância fiadora" do próprio discurso.

A "DUPLA IMAGEM" DOS SUJEITOS ENUNCIADORES NO DISCURSO

Analisemos, a seguir, um trecho do discurso de posse do 1º mandato (proferido em 01/01/99) de José Orcírio Miranda dos Santos, o Zeca do PT, atual governador de Mato Grosso do Sul:

> "Quis Deus, pelas mãos do povo, que eu assumisse a responsabilidade de conduzir o Estado para o novo milênio. Os desafios enfrentados só fizeram fortalecer o meu caráter e a minha vontade de mudar as regras do jogo. Por isso, assumo hoje, sem medo, com firmeza e determinação, o governo de um Estado economicamente falido e socialmente fracassado, resultado do descompromisso daqueles que, eleitos pela vontade de povo, foram incapazes de retribuir-lhes a confiança. Só conheceram suas próprias satisfações, sua própria felicidade, pelas quais zelaram com avareza até o último dia, esbulhando os últimos centavos do cofre público".

As qualidades que José Orcírio atribui a si mesmo no nível do enunciado - coragem, firmeza, determinação - são acompanhadas pelo "tom" firme e enérgico de uma enunciação que vai direto à crítica, recusando o uso de meias palavras. Através desse "duplo retrato", o governador eleito cria um discurso eficaz, mostrando que a palavra vem de alguém que, por meio dela, demonstra possuir as qualidades do "homem forte" que MS precisa para levar a cabo as mudanças que permitirão tirar o Estado do caos social e econômico em que se encontra, como resultado das más administrações anteriores.

Assume, dessa forma, a atitude de um homem de fala franca, que não tem medo de dizer a verdade ("*aretê*")[5].

Considerando que o campo do *ethos* enunciativo recobre as noções de "tom", de caráter, que remete a "uma gama de traços psicológicos" que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer, e de corporalidade, que corresponde a "uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social" (Maingueneau, 2001:98-99), vemos como José Orcírio articula o que diz de si mesmo com um "tom" forte, associado ao "caráter" de homem determinado e corajoso - aquele que diz a verdade, sem se intimidar - e que se movimenta com firmeza no contexto político-social.

Ao contrário do atual governador, Wilson Barbosa Martins, no discurso de posse (01/01/95) referente ao seu segundo mandato, prefere construir a imagem de homem ético e honesto, fazendo uso de um "tom" moderado, em que mede as palavras cuidadosamente e evita um confronto direto com seus opositores, recorrendo, quando necessário, a críticas indiretas e insinuações. Nesse caso, o que está em jogo é *"phrônesis",* que lhe confere o aspecto de pessoa ponderada. Veja-se, a título de ilustração, a passagem abaixo, em que Barbosa faz alusão à imagem pública do ex-governador Pedro Pedrossian como um gastador compulsivo e construtor de obras faraônicas:

> "Nos caminhos naturais da região pantaneira, construiremos pontes e pontilhões, para atravessar os corixos. Obras simples e escondidas são, às vezes, mais importantes que outras, vistosas, mas de custo social duvidoso".

Barbosa divide seu discurso em duas partes, que se referem, respectivamente, à fase eleitoral (momento retrospectivo em relação ao presente do discurso) e à fase administrativa (momento prospectivo). Nessa segunda fase, recorre a uma outra "voz": a do professor Yehekel

[5] É importante salientar que, quando examinamos um dado discurso do ponto de vista dos três tipos de *ethé* propostos pela retórica antiga, falamos em predominância de um tipo sobre outro(s) e não em exclusividade.

Drol, da Universidade de Jerusalém, em seu *Código de Ética para Políticos,* "voz" essa que funciona como argumento de autoridade e vem, como se verá, reafirmar as qualidades que Wilson Barbosa já se auto-atribuíra como candidato: integridade moral, honestidade, seriedade. Há, assim, um longo trecho de citação, em discurso direto, que vem consolidar a primeira parte do discurso (referente ao período da campanha) e realizar a transição para a segunda parte: a do anúncio do plano de governo. Entre as características do "político ético" preconizadas pelo referido Código, através da proposição de oito princípios básicos, destacamos:

> a) integridade, para não subordinar os deveres da atividade governamental a considerações pessoais e para servir como exemplo aos demais;
> b) humildade, para reconhecer a aprendizagem, reflexão e escolha cuidadosa de assessores altamente qualificados como requisitos necessários à realização das tarefas do governo;
> c) sinceridade, para expor publicamente toda a informação que possa ser relevante à atuação, e discernimento, para renunciar, se houver perda de capacidade (sobretudo mental) ou desmerecimento;
> d) honestidade, para recusar proveitos que vão além do exercício do cargo e para declarar publicamente qualquer recebimento de valor;
> e) disponibilidade para ajudar o sucessor, ainda que se trate do pior dos inimigos.

Nessa perspectiva, pela sua própria "voz" ou pela "voz" do outro, que integra ao seu discurso (a "voz" do professor Yehekel Drol), Wilson Barbosa insiste na prática e na difusão dos princípios arrolados, enfatizando as "qualidades" que se fazem necessárias aos homens públicos que queiram ser chamados de estadistas e que mereçam "o respeito e a estima da sua gente". Naturalmente, é essa a condição do governador eleito, o que lhe permite lançar-se "ao enorme desafio (...) de ajudar a obra saneadora a ser feita, tanto na questão da moral e da ética públicas, como do desenvolvimento econômico e social do nosso país". Articula-se, assim, no "retrato discursivo" de Wilson Barbosa, as "qualidades" do nível do enunciado com o "tom" moderado da enunciação (*"ethos"*) que se faz acompanhar de traços psicológicos positivos ("caráter") e que remete a um "corpo" que se movimenta com cautela, sem excessos, no espaço social.

Da mesma forma que Wilson Barbosa, Pedro Pedrossian, no discurso de posse do seu 2º mandato como governador de MS (15/03/91)[6], não ataca diretamente seu(s) antecessor(es), não o(s) desqualifica explicitamente no discurso. Empenha-se, ao contrário, em construir uma imagem extremamente favorável de si mesmo. Define-se, assim, como um sujeito preparado pelo tempo e pela vida, sereno para enfrentar as adversidades, revigorado por um terceiro mandato, dotado de uma visão moderna dos problemas e de um desempenho renovador, ou seja, é exatamente o líder que MS precisa para remover os entraves e traçar rumos que permitirão o resgate político diante da Nação.

Essas atribuições articulam-se, no campo do *ethos* enunciativo, a um "tom" envolvente, reforçado ora por "noções confusas", mas conotadas positivamente (nível da persuasão), ora por números e cifras (âmbito do convencimento), num duplo apelo à emoção e à razão[7]. Assim, também no nível da enunciação, o sujeito procura oferecer uma imagem agradável de si mesmo e, ao mesmo tempo, mostra uma atitude solidária, benevolente para com seu público. Nesse caso, o que aparece, em primeiro plano no discurso de Pedrossian, é *eunóia*.

Nos trechos que seguem, é possível constatar o recurso ora a dados e cifras que convencem porque demonstram um conhecimento profundo da situação de MS (1º trecho), ora a "noções confusas", num apelo claro à emoção (2º e 3º trechos):

> "É bem verdade que temos a nossa frente o caos institucionalizado, o Estado literalmente quebrado e o tecido social quase às vias de ruptura. O total da

[6] Pedro Pedrossian foi duas vezes governador de Mato Grosso do Sul e uma vez de Mato Grosso, antes da divisão do Estado. Como veremos, em seu discurso, ele faz referência a esses três momentos, colocando-os como fundamentais para a construção da sua "identidade" de homem maduro e experiente.

[7] Valemo-nos aqui da distinção proposta por Perelman (1987) entre persuadir e convencer. Para o autor, o convencimento busca atingir a razão do interlocutor, por meio do raciocínio lógico e de provas objetivas. Já a persuasão implica o uso de argumentos de natureza subjetiva, que visam atingir a vontade e o sentimento do auditório.

dívida do nosso Estado é de um bilhão de dólares, dos quais, quatrocentos milhões de dólares já estão vencidos, de forma assim discriminada: as parcelas das dívidas externa e interna fazem um total de quarenta bilhões de cruzeiros; deve-se ao comércio e aos fornecedores três bilhões de cruzeiros; o compromisso com as empresas empreiteiras é de trinta bilhões de cruzeiros; os encargos financeiros da inadimplência atingem a cinco bilhões de cruzeiros e, acrescenta-se a isso tudo, o débito de doze milhões de cruzeiros referente a três meses de pagamento, em atraso, do funcionalismo. A esses dramáticos quatrocentos milhões de dólares já vencidos, deverão se acrescentar mais cem milhões de dólares a vencer ainda neste ano de 1991.

Este haverá de ser um governo, desde seu primeiro instante, da conjugação de todas as consciências livres do Estado, do engajamento cívico e do entendimento, bases da maturidade. Por essa razão, convocarei nossa Bancada Federal, os Senadores e os Deputados, para que juntos montemos a estratégia de se começar a fazer justiça a um grande Estado e a um grande povo. Queremos o estado da competência objetiva, da democratização das oportunidades da livre concorrência, onde o Governo não se omita de suas obrigações, enfeixadas, todas elas na direção do ser humano, do cidadão.

Os desafios acumulados exigem uma resposta vigorosa, que só pode emergir da visão moderna dos problemas e de um desempenho renovador do governo (...). Cidadães (sic) da minha terra, não há honra maior ao homem público senão a de servir a sua gente e a vontade soberana do povo me reconduz, pela terceira vez, revigorado, ao comando do Executivo do Estado".

Desse modo, a pergunta "quem sou eu para lhe falar assim" (o ponto de vista de Pedrossian sobre si mesmo) corresponde ao "caráter" de um homem preparado (dotado de experiência política, por estar assumindo a função de governador pela terceira vez); moderno, que "sabe das coisas", já que é capaz de transitar satisfatoriamente tanto por dados numéricos concretos e objetivos quanto por conceitos genéricos e abstratos (*conjugação de todas as consciências livres, engajamento cívico, um grande Estado, um grande povo etc.*) e que se movimenta com desenvoltura no espaço social ("corporalidade"). O dito (enunciado) e a maneira de dizer (enunciação) reforçam-se mutuamente, contribuindo, assim, para a construção da identidade do sujeito enunciador.

Finalmente, Marcelo Miranda Soares, no discurso de posse do seu 2º mandato (15/03/87), elogia abertamente seus antecessores, já

que estes pertencem ao mesmo partido político do governador eleito - o PMDB. Assim, "a gestão peemedebista iniciada em 1983, sob a batuta de Wilson Barbosa Martins e Ramez Tebet", é apontada por Miranda como tendo dado "gigantescos passos na construção do novo Mato Grosso do Sul". Seus feitos são tomados como uma verdadeira "odisséia" (= narração de aventuras extraordinárias), conforme consta no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986:1214). Mostram-se, pois, não apenas como líderes políticos altamente qualificados, mas, sobretudo, como empreendedores e determinados (já que enfrentaram "grandes dificuldades", decorrentes da "situação nacional de crise" e, mesmo assim, foram capazes dar início à modernização de MS, sem perder de vista o aspecto social). São verdadeiros heróis, a exemplo de Ulisses, protagonista do poema de Homero.

É, pois, na esteira da imagem positiva dos ex-governadores do PMDB que Miranda constrói sua própria imagem de "herói": a de um líder político competente, preparado para enfrentar desafios e confiante no futuro. Trata-se de alguém que conhece profundamente as necessidades e as reivindicações dos sul-mato-grossenses e que sabe exatamente o que fazer para atender a elas. Essas atribuições são reforçadas no campo do *ethos* enunciativo por uma "voz" que recorre sobretudo a "*eunóia",* uma vez que o orador empenha-se em oferecer ao outro uma imagem agradável de si mesmo, como comprovam os "recortes" abaixo:

> "Esse desafio não nos desanima, ao contrário, espicaça a nossa criatividade e a vontade de trabalhar para construir um futuro melhor para o nosso povo. Mas, estou seguro de que, com o apoio e a participação de nosso povo e utilizando adequadamente o nosso imenso potencial de desenvolvimento, sairemos vitoriosos de mais essa jornada no caminho de um Mato Grosso do Sul próspero e progressista.
>
> A redenção do Estado é o objetivo maior do programa do Governo, que com o apoio e a participação do povo, implementarei nos próximos quatro anos, inspirado no programa do PMDB e da Aliança Democrática. Apresentamos, já na convenção do PMDB as linhas gerais do que será a nossa administração. De posse dessa orientação percorremos, durante a memorá-

vel campanha que nos levou à vitória, todos os rinções (sic) deste grande Estado (...) Aprofundamos o conhecimento de nossa realidade, recolhemos os anseios populares, e será essa a origem, a fonte de inspiração maior, do nosso comportamento à frente da administração estadual. Para muito serviu a campanha eleitoral, mas, o principal resultado foi que, percorrendo uma vez mais o chão sul-mato-grossense, fortaleceu em mim a convicção de que há muito [eu] já tinha de que Mato Grosso do Sul é o estado brasileiro, que no momento atual, apresenta o maior potencial de desenvolvimento (...)".

Assim, o "retrato" de Miranda, que se constrói não apenas pelo que é dito explicitamente, mas também pela maneira de dizer, confere-lhe o "caráter" de líder político criativo, disposto ao trabalho e profundo conhecedor da realidade sul-mato-grossense, o que é reforçado por um "tom" envolvente que, não raras vezes, faz apelo à emoção como forma de atuação sobre o outro. Também aqui temos um "corpo" que se movimenta com familiaridade e desenvoltura no cenário político e social, sobretudo porque se trata de dar continuidade ao que já foi iniciado por seus antecessores (pertencentes ao mesmo partido: o PMDB).

Para encerrar nossa análise, apresentaremos, resumidamente, no quadro que segue, a "dupla imagem" que cada enunciador constrói de si mesmo, nos discursos examinados:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das noções de formação imaginária, *ethos* e retrato discursivo, foi-nos possível apreender a identidade que os enunciadores-governantes constróem em seus discursos de posse, discursos esses que representam diferentes momentos da história de Mato Grosso do Sul.

Nessa "construção de identidades", não podemos deixar de observar diferenças que se articulam no nível do enunciado e da enunciação e que fazem de cada líder político, num certo sentido, um sujeito enunciador único (com "características" próprias, com sua própria "voz"), embora todos se aproximem num ponto: o de se constituírem como sujeitos explícitos, presentes, que se instauram completamente no discurso (cf. Pinto, 1988).

Como diz Maingueneau (1993:47), há "caracteres" e "corporalidades" específicas dos enunciadores dos diferentes discursos e essas divergências remetem aos próprios fundamentos desses discursos.

Quadro 2

Enunciador-Governante	Imagem no nível do EDO	Imagem no nível da EÇÃO
José Orcírio Miranda dos Santos	Homem forte, dotado de qualidades como coragem, firmeza e determinação.	"Tom" firme e enérgico. "Areté"
Wilson Barbosa Martins	Estadista austero, ético e honesto.	"Tom" moderado, ponderação. "Phrônesis",
Pedro Pedrossian	Sujeito preparado pelo tempo e pela vida. Líder político dotado de uma visão moderna dos problemas e de um desempenho renovador.	"Tom" envolvente (imagem favorável de si mesmo). "Eunóia"
Marcelo Miranda Soares	Político competente, preparado para enfrentar desafios e confiante no futuro. Profundo conhecedor das necessidades e reivindicações dos sul-mato-grossenses.	"Tom" envolvente (imagem favorável de si mesmo). "Eunóia"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, D. 1993. *Novas tendências em análise do discurso.* Campinas, Editora UNICAMP/Pontes.

————. 2001. *Análise de textos de comunicação.* São Paulo, Cortez.

MOIRAND, S. 1988. Les mots d'autorité: quand les discours de la didactique se réfèrent à la lingüistique. *DRLAV,* Paris, 39.

PÊCHEUX, M. 1990. Análise automática do discurso. In GADET, F. & HAKS, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Editora UNICAMP.

PERELMAN, Chaim. 1987. Argumentação. In *Enciclopédia Einaudi.* Lisboa, Imprensa Nacional, v. 11, pp. 234-265.

PINTO, C. R. 1989. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney.* São Paulo, Hucitec.